

Dr. Robert A. Peterson, Cristologia, Sessão 2, Cristologia Patrística, Parte 1, Antes de Nicéia

© 2024 Robert Peterson e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Robert Peterson em seu ensinamento sobre Cristologia. Esta é a sessão 2, Cristologia Patrística, Parte 1, Antes de Nicéia.

Continuamos nosso curso sobre Cristologia estudando Cristologia Patrística, e quero reconhecer uma tremenda dívida com meu amigo Stephen Wellum *Deus Filho Encarnado*.

Formulações cristológicas antes do Concílio de Niceia em 325. Assim, nossas datas são como 100 a 325 d.C. Aloys Grillmeier observa, citação, que nenhuma epopéia da Cristologia exibe correntes de pensamento tão numerosas e tão diferentes quanto o século II, citação próxima.

À primeira vista, isso pode parecer desconcertante, mas não deveria nos surpreender por dois motivos. Primeiro, devemos lembrar que, embora o Novo Testamento tenha sido escrito nessa época, ele não estava circulando como um cânone inteiro. Segundo, à medida que a igreja se espalhava e se tornava universal por todo o Império Romano, ela não apenas enfrentava oposição em termos de perseguição, mas também desafios internos.

Já no Novo Testamento, mesmo quando os apóstolos existiam, temos aqueles de dentro da igreja que pregavam o evangelho para seu próprio lucro e o distorciam. Mas agora, à medida que pessoas de origens bíblicamente analfabetas e de cosmovisões alienígenas são convertidas, elas inevitavelmente importam muita bagagem, o que aumenta o perigo do sincretismo. Muitos que pensavam estar proclamando Cristo estavam, na realidade, obscurecendo o próprio evangelho que buscavam proclamar.

Jeremy Jackson sugere que o que une todas as heresias é a negação de Cristo e sua obra. Ao embarcarmos na descrição de várias visões falsas de quem Jesus é, devemos manter isso em mente. No coração do evangelho está Jesus, e no coração de toda heresia está um mal-entendido e/ou negação dele.

Por que isso acontece? Provavelmente porque a ideia de salvação pela graça soberana de Deus, alcançada pelo Filho encarnado, que viveu uma vida que não poderíamos viver e morreu como nosso substituto penal, é ofensiva para seres humanos rebeldes. Ela remove de nós qualquer habilidade de contribuir para nossa própria salvação, e nos leva a levantar as mãos vazias da fé e receber o que Deus graciosa e poderosamente fez por nós em Cristo. Se quisermos distinguir o

cristianismo verdadeiro do falso, em qualquer era devemos perguntar, quem você diz que Jesus é e faz? Essa resposta é crítica para a teologia e a ética.

Neste período de tempo, de 100 a 325, houve duas maneiras pelas quais as pessoas se afastaram do Jesus bíblico. Elas negaram e/ou minimizaram sua divindade, sua humanidade ou sua humanidade. Curiosamente, diferentemente de nossos dias, a primeira heresia associada ao Gnosticismo não negou sua divindade, mas negou sua humanidade.

Heresias associadas ao judaísmo, monárquicas, heresias judaicas, heresias monárquicas e heresias gnósticas são nosso esboço neste ponto. Heresias judaicas. O primeiro número de heresias cristológicas está associado ao judaísmo.

Na era do Novo Testamento, a comunidade judaica, em sua maior parte, rejeitou a divindade de Cristo e negou que ele fosse o Messias prometido pelo Antigo Testamento. Do segundo até o início do quinto século, existiu um grupo judeu cristão conhecido como os ebionitas, um grupo associado à continuação dos oponentes judaicos de Paulo. Este grupo negou a concepção virginal de Jesus junto com sua divindade.

Na visão deles, Jesus era um homem comum que possuía dons incomuns, mas não sobrenaturais. Ele se distinguia dos outros por uma estrita observância da lei, e os ebionitas ensinavam que, devido à sua observância da lei, Cristo, entre aspas, desceu sobre Jesus pelo Espírito de Deus em seu batismo, o que significava que a presença e o poder de Deus estavam nele de maneiras únicas, principalmente em termos de influência. Perto do fim de sua vida, Cristo, concebido em termos messiânicos, se retirou de Jesus, daí seu grito de abandono na cruz.

Havia outras seitas judaicas que não precisamos mencionar neste momento. Heresias monárquicas têm a ver com monarquianismo. Uma segunda variedade de heresias trinitárias cristológicas foi associada com monarquianismo.

Esta posição corretamente buscou preservar o monoteísmo, e assim a unidade divina ou monarchia, mas excluindo a divindade plena e co-igual do Filho e do Espírito. Esta exclusão da divindade do Filho foi feita de uma de duas maneiras, ambas as quais se afastaram do ensino bíblico. A primeira maneira foi a posição do adocionismo, ou monarquianismo dinâmico.

Para preservar a unidade divina, essa visão argumentava que Jesus não era Deus Filho. Em vez disso, o logos, um tipo de poder ou razão identificado e consubstancial com o Pai, mas não uma pessoa distinta, veio sobre o homem Jesus em seu batismo. Antes do batismo de Jesus, ele era totalmente humano, mas como recompensa por sua virtude moral excepcional, Jesus foi adotado como Filho de Deus e fortalecido por Deus e, portanto, capaz de realizar seus muitos milagres.

Nesse sentido, Jesus foi deificado em virtude de um poder recebido, não por causa de qualquer suposta igualdade de natureza com o Pai. Em vez disso, acreditava-se que Deus não poderia sofrer. Por causa disso, essa posição sustenta que o logos voou de volta para Deus antes de Jesus morrer na cruz, daí a explicação para o grito de abandono de Jesus.

Paulo de Samósata, bispo de Antioquia por volta de 200 a 275, foi um famoso proponente dessa visão. Suas visões foram rejeitadas pela igreja no terceiro século. No século seguinte, as visões de Paulo influenciaram figuras posteriores, como Luciano de Antioquia e seu pupilo Ário, que negaram a divindade do Filho.

Mais de um milênio depois, essa visão foi ensinada pelo Socinianismo e Unitarismo, e hoje, muitos dentro da tradição liberal da igreja são adocionistas em sua Cristologia. Adocionismo, ou monarquismo dinâmico, entendeu? Dinâmico? Ele permitiu que Jesus fizesse esses milagres e assim por diante. Ele o dinamizou, se preferir.

A segunda maneira pela qual o monarquismo se desenvolveu e excluiu a divindade do Filho foi excluindo sua distinção pessoal do Pai, e é chamado de modalismo. Ambos os monarquismos têm isso em comum. Eles acreditam no monoteísmo, e estão determinados a defendê-lo, e é aí que eles têm que negar a divindade de Cristo, eles pensam, para preservar a unidade da Divindade.

O modalismo também era conhecido como sabelianismo, em homenagem a Sabelius. Era uma visão muito influente na igreja primitiva. Tinha as convicções gêmeas de que Deus é um, aí está de novo, e que Jesus é Deus, mas os modalistas estavam desconfortáveis com a sugestão de Tertuliano de que o Pai e o Filho compartilhavam a mesma substância, argumentando que isso implicava o bi-teísmo.

Então, eles conceberam o Pai, o Filho e o Espírito como modos, daí o nome modalismo, no qual Deus se manifestou. Eles sugeriram que Deus se manifestou diferentemente em cada uma das três fases da história mundial. No Antigo Testamento, Deus era Pai e Criador.

No período do Evangelho, ele era o Filho, Redentor. E desde Pentecostes, ele é o Espírito, Santificador. Dessa forma, eles negavam as distinções pessoais entre o Pai, o Filho e o Espírito dentro da Divindade.

O modalismo afirmava a divindade plena de Cristo, mas negava sua pessoa distinta dentro da Divindade. Uma implicação desastrosa do modalismo é que os eventos da história redentora se tornam uma farsa. Não sendo uma pessoa distinta, o Filho não pode realmente nos representar para o Pai nem realizar uma expiação substitutiva em nosso favor.

O modalismo é um docético necessário, ensinando que Cristo era humano apenas na aparência, a menos que se afirme, o que alguns modalistas fizeram, que o Pai sofreu na cruz. Esta é a heresia conhecida como patripassionismo, o Pai sofrendo na cruz, já que o Filho não é realmente distinto do Pai. A diferença entre ortodoxia e modalismo não é o uso da palavra modo para descrever as pessoas.

Poderíamos dizer que Deus existe eternamente em três modos, como Pai, Filho e Espírito Santo. A diferença é que a ortodoxia diz que Deus existe em três modos simultaneamente. Agora mesmo, Deus é Pai, Filho e Espírito Santo.

Modalismo, Sabelianismo ou Unicidade O Pentecostalismo é modalístico e diz que Deus existe em três pessoas sucessivamente. Entendeu? Não simultaneamente. Em ambas as visões monárquicas, a unidade de Deus foi mantida, mas a divindade do Filho foi negada.

E como resultado, Jesus foi visto como um homem empoderado, Monarquianismo dinâmico, ou uma mera manifestação de Deus, mas não o Deus Filho encarnado, Monarquianismo modalista. Essas são heresias associadas ao Judaísmo e ao Monarquianismo. Agora, heresias gnósticas.

Sem dúvida, a distorção mais séria do pensamento bíblico durante esse tempo foi a cosmovisão herética do Gnosticismo e sua contraparte cristológica, o Docetismo. Foi muito influente, de fato. O Gnosticismo foi parte de um grande e complexo movimento religioso e filosófico que varreu o mundo helenístico no início do segundo século.

Era baseado no dualismo platônico de matéria e espírito. Os gnósticos argumentavam que o mundo material era inerentemente mau, enquanto o mundo espiritual era potencialmente bom. Além disso, o gnosticismo oferecia às pessoas conhecimento secreto detalhado, gnose grega, daí o gnosticismo, e o gnóstico, conhecimento secreto da realidade, alegando saber e ser capaz de explicar coisas que as pessoas comuns, incluindo os cristãos, ignoravam.

Ela dividia os humanos em várias classes, e somente aqueles na classe mais alta e espiritual podiam atingir esse conhecimento secreto. Portanto, era elitista. Em todos os pontos, o gnosticismo era um estranho ao cristianismo e, se fosse aceito ou misturado à fé bíblica, a verdade do evangelho teria sido destruída.

Por exemplo, os gnósticos viam Deus como um, ainda que remoto e incognoscível, totalmente outro, e assim removido deste universo material caído, que ele não criou. Alguns no pensamento gnóstico. Já que, no pensamento gnóstico, há uma distância entre Deus e o mundo, a lacuna entre Deus e o mundo é preenchida por intermediários, uma série deles.

Na verdade, foi um desses intermediários, um poder menor ou Deus, conhecido como o demiurgo, que criou esse material caído, esse universo caído, incluindo os seres humanos. Quando se trata de humanos, somos compostos da mesma substância espiritual que Deus é, mas ficamos presos em corpos físicos, que são como tumbas das quais devemos escapar. Nossa queda no pecado não é uma queda histórica.

Em vez disso, é idêntico à nossa queda na matéria e, portanto, ficar preso em nossos corpos físicos. Dessa forma, a criação e a queda coincidem devido ao trabalho do demiurgo. Portanto, no Gnosticismo, o pecado é visto como a alienação de nossa alma do Deus verdadeiro, enquanto existimos em nossos corpos físicos.

Enquanto nossas almas estiverem presas em corpos físicos, e a materialidade estará sujeita ao chamado pecado, a salvação é uma fuga da escravidão da existência material e uma jornada de volta ao lar de onde nossas almas caíram. Essa possibilidade é iniciada pelo Grande Espírito, Deus, que deseja atrair de volta para si todos os pedaços e pedacinhos perdidos. No Gnosticismo, Deus envia uma emanção de si mesmo, um redentor espiritual, que desce por camadas e camadas de realidade do espírito puro para a matéria densa e tenta ensinar algumas das centelhas divinas do espírito sobre sua verdadeira identidade e lar.

Uma vez despertados pelo conhecimento, somos capazes de começar a jornada de volta. Nessa visão, então, quem é Jesus? Apesar de sua diversidade, os gnósticos ensinavam que Jesus era o veículo humano para esse mensageiro divino, Cristo, que foi enviado por Deus para resgatar a alma do corpo. Todas as formas de gnosticismo negavam que Cristo, esse redentor espiritual celestial, se tornasse encarnado, dada sua antítese entre espírito e matéria.

Então, eles argumentaram que Cristo ou se associou temporariamente ao homem Jesus, adocionismo, ou ele simplesmente assumiu a aparência de um corpo físico, docetismo. Para a maioria dos gnósticos, o redentor celestial entrou em Jesus em seu batismo e o deixou antes que ele morresse na cruz. O gnosticismo se afastou radicalmente do ensinamento bíblico de Jesus e acabou na vala.

Negou toda a concepção bíblica de Deus como o Criador e Senhor, que não compartilha seu papel com ninguém, e a realidade de Deus e do Filho como co-iguais ao Pai. Além disso, os gnósticos negaram a realidade da encarnação, incluindo a humanidade plena e completa do Filho encarnado. Como tal, o gnosticismo nos deixou com uma concepção inteiramente diferente de pecado e salvação.

Não é de se surpreender que os primeiros pais da igreja, como Inácio, Irineu e Tertuliano, tenham argumentado incansavelmente contra isso. Eles perceberam corretamente que o gnosticismo era uma heresia que tinha que ser rejeitada in toto. Eles se opuseram incansavelmente a ele porque ele permanecia por aí, ele se

conectava com as correntes filosóficas do neoplatonismo, e era difícil tirar isso das pessoas.

O Deus do Antigo Testamento não era mau. Ele é o Deus Criador, e passagens como Colossenses 1, essa grande passagem, mostra que o Criador e o Redentor são o mesmo. O Redentor é o Criador.

O Criador é o Redentor, e que Deus ama sua criação, e o Filho se tornou parte dela, se você quiser, em sua encarnação, e sua morte salva, e ele ressuscitou no terceiro dia novamente, e ele é o primogênito de muitos irmãos e irmãs, e ele é as primícias, e nós, no epítome da nossa salvação, não é nossa fuga da prisão do corpo como espíritos puros, mas é a ressurreição de nossos corpos para sermos transformados, Filipenses 3.21, por Cristo, que tem o poder de sujeitar todas as coisas a si mesmo, para que nossos corpos sejam como seu corpo glorioso, e o fim de todo o cenário é um novo céu e uma nova terra, nos quais a Trindade e o povo de Deus habitam. Tão diferente do gnosticismo. Não é engraçado.

Então, demos uma olhada nas heresias associadas ao judaísmo, monarquianismo e gnosticismo. E quanto às primeiras apresentações cristológicas ortodoxas? Como os primeiros cristãos o conceberam? Eles tinham a doutrina da Trindade e tudo deu certo? Não. Eles disseram que ele era uma pessoa com duas naturezas? Na verdade, Tertuliano chega perto disso incrivelmente.

Sabe, o que eu digo é que Deus dá presentes, mas a maioria dos primeiros cristãos estava ocupada se esquivando de perseguições e leões, certo, e mal tinha tempo para pensar. Muitos pais da igreja primitiva poderiam ser discutidos, mas queremos falar sobre Inácio de Antioquia, Justino Mártir, Irineu, Tertuliano e Orígenes. Inácio morreu por volta de 115.

Ele foi uma testemunha bem antiga, e não foi um grande teólogo, mas foi um grande mártir e um grande homem cristão, e afirmou verdades sobre Jesus. Inácio foi contemporâneo do apóstolo João. Ele foi martirizado por volta de 115.

Enquanto aguardava sua morte, ele escreveu sete epístolas, que temos, que foram preservadas. Como observado, Inácio escreveu fortemente contra o Gnosticismo, enfatizando assim a realidade da encarnação e a humanidade plena de Cristo. O que ele está fazendo é, ele está dando peças que o concílio mais tarde juntará, bem, pessoas mesmo antes do concílio.

O que os concílios fazem é formalizar, e eles colocam por escrito confissões e credos que são um resultado de muito estudo, dor e luta, e que devem ser recebidos pelo povo de Deus, não iguais às escrituras, mas como uma expressão da afirmação da igreja universal dos ensinamentos das escrituras. Inácio escreve famosamente, cita, faça ouvidos moucos. Portanto, estou citando sua Epístola aos Tralianos, faça

ouvidos moucos, portanto, quando alguém falar com você além de Jesus Cristo, que realmente nasceu, que comeu e bebeu, que realmente foi perseguido sob Pôncio Pilatos, que realmente foi crucificado e morreu, que além disso realmente ressuscitou dos mortos quando seu pai o ressuscitou. Isso é emocionante.

Uau. Mas se, como alguns ateus, isto é, descrentes, dizem, ele sofreu apenas na aparência, estoicismo, por que estou acorrentado? Parece Paulo, não é? E por que eu quero lutar com feras selvagens? Se for esse o caso, eu morro sem motivo algum — um homem de coragem, ansioso para morrer por Cristo.

Ufa. Leremos sobre um pensador brilhante que queria morrer por Cristo, mas não conseguiu porque sua mãe escondeu sua toga. Não estou brincando.

A mãe de Orígenes escondeu sua toga. Ele não queria morrer por Cristo. De qualquer forma, Inácio também afirma a divindade plena do Filho.

Em sua epístola aos Efésios, capítulo 7, versículo 2, Inácio coloca duas séries de declarações sobre o único Cristo lado a lado. À esquerda estão as declarações sobre Cristo na carne como homem. À direita estão aquelas que são feitas do Filho preexistente.

Não pode haver dúvida de que Inácio é filho de Deus. Imediatamente após a era apostólica, ele acreditou na divindade e humanidade plenas de Jesus Cristo: Justino Mártir e a Cristologia do Logos.

As datas de Justin são em torno de 100. Isso significa que não sabemos exatamente quando ele nasceu. Sabemos sua morte.

Essa é uma data firme, 165. À medida que os cristãos proclamam Cristo para sua cultura, eles experimentam oposição intelectual. Vários escritores cristãos, conhecidos como apologistas, buscaram explicar e defender a fé para seus desprezadores cultos.

Um dos mais famosos desses primeiros apologistas foi Justino Mártir. Em relação à Cristologia, ele é especialmente importante para o desenvolvimento do que é chamado de Cristologia do Logos. Como apologista, Justino acreditava que o Logos era um elo importante entre o pensamento cristão e o helenístico.

Como um estudante dos filósofos, Justino alegou que os filósofos estavam basicamente corretos em muitos pontos, embora sua visão geral fosse incompleta, pois faltava Cristo. Assim, apesar das diferenças entre o pensamento filosófico pagão e o cristianismo, Justino sustentou que os filósofos tinham vislumbres da verdade e que isso era mais do que uma mera coincidência. Aqui, então, como ele explicou os

acordos parciais entre os filósofos e a teologia cristã? A resposta de Justino centrou-se no Logos, a palavra.

De acordo com o pensamento grego, a mente humana pode entender a realidade porque compartilha o Logos por uma razão universal. Esta é a filosofia grega. Esta ainda não é a Bíblia.

Esta não é uma doutrina cristã. Então ele está falando em sua cultura. A mente humana pode entender a realidade porque ela compartilha o Logos por uma razão universal que sustenta toda a realidade.

A realidade é racional, e somos racionais porque compartilhamos desse Logos. Mas para o cristão, especialmente à luz do evangelho de João, afirmamos que em Jesus de Nazaré, o Logos se fez carne, João 1:14 . Na encarnação, então, a razão subjacente do universo, o Logos, veio a esta terra e viveu entre nós.

Justino apela a essa verdade, ligando assim o pensamento cristão e helenístico em Cristo. Com seu uso da Cristologia do Logos, Justino afirma fortemente a divindade do Logos e a realidade da encarnação. Ele ensina que o Logos é o espírito pré-existente de Deus, um segundo Deus, se preferir, que agora se tornou encarnado em Jesus Cristo.

Dessa forma, duas verdades são enfatizadas. A eterna unidade do Logos com o Pai e também sua aparição na história humana como o Logos emitido ou expresso. Além disso, Justino quer falar da relação entre o Logos e o Pai como eterna.

E mesmo que o Pai gere o Logos, isso de forma alguma diminui o Pai ou o Logos porque, como o fogo aceso do fogo é sua analogia, aquilo do qual muitos podem ser acesos não é de forma alguma diminuído, mas permanece o mesmo. Nesta explicação, Justin está buscando dar sentido a como Deus é um, mas o Pai e o Filho são ambos divindades e compartilham a natureza divina. Qualquer ilustração desse tipo é imperfeita, mas ele é um biscoito inteligente e está fazendo o bem.

Ele comete erros, como veremos em um momento, o que também é inevitável, eu suponho. Para explicar melhor a relação do Logos com Deus, Justino fala do Logos como o Logos cósmico, que é o ramo de Deus e agente na criação. O Logos então estava no mundo antes de Jesus.

Ele falou por meio dos profetas judeus e filósofos gregos. Dessa forma, o Logos, literalmente, o Logos spermatikos , é aquele que está em todo ser humano e é a fonte de toda a verdade sempre que ela é compreendida e proferida. Mas agora, no tempo, esse Logos assumiu a carne e veio habitar entre nós como Jesus, o Messias.

O Logos spermatikos é um Logos em forma de semente, se preferir. Pelo uso da Cristologia do Logos, Justino busca alcançar uma série de coisas. Primeiro, ele busca explicar por que os cristãos podem abraçar toda a verdade como a verdade de Deus.

Segundo, ele explica por que os cristãos podem crer e adorar Jesus Cristo como Deus, um segundo Deus, sem rejeitar o monoteísmo. Terceiro, ele explica por que as pessoas devem se tornar cristãos. O mesmo Cristo como Logos universal é a fonte de toda verdade, beleza e bondade.

Mas somente os cristãos conhecem o Logos completamente pela fé em Cristo. No final, Justin argumenta, todo pensamento e toda crença em Cristo é a fonte de toda a verdade. Um dos problemas que Justin legou às gerações posteriores, no entanto, é o subordinacionismo, vendo o Logos como ontologicamente subordinado ao Pai, tornando a procissão do Logos do Pai dependente da criação.

Isso abrirá a porta para alguns dizerem que não há preexistência eterna do Logos em uma existência pessoal distinta, uma porta, infelizmente, pela qual a teologia ariana posterior passa. Eu poderia dizer que há um subordinacionismo bíblico, ok? Mas é diferente desse subordinacionismo contra o qual estamos sendo alertados. Jesus diz que o Pai é maior do que eu nos discursos de despedida, certo? E Jesus ora ao Pai, o Pai não ora a Jesus, certo? O Pai e o Espírito capacitam Jesus. Jesus não capacita o Pai.

Então, há um subordinacionismo bíblico, mas ele deve ser distinguido de um subordinacionismo de essência. Um subordinacionismo essencial nega a divindade do Filho. Um subordinacionismo funcional ou econômico diz que o Deus Filho se tornou um ser humano por nós pecadores e nossa salvação, e nisso, ele se subordinou, não essencialmente, mas em termos da obra do evangelho, que é uma subordinação econômica, ou em termos de sua função.

Deus no céu não pode morrer na cruz, Deus na terra morreu na cruz. O Filho, portanto, se subordinou ao Pai, não essencialmente, mas economicamente ou funcionalmente, para nos salvar de nossos pecados. Subordinacionismo, sim, mas os cultos hoje cometem o mesmo erro que os erroristas cometeram nos primeiros séculos.

Veremos mais em breve com áreas, por exemplo, quando eles dizem, olha, há subordinação no Novo Testamento, certo? Certo. Portanto, o Filho não é Deus, certo? Errado. Mais uma vez, eles estão tropeçando neste mistério da pessoa única com duas naturezas, totalmente coessencial com o Pai em sua divindade, totalmente coessencial conosco no que diz respeito à sua humanidade, como Calcedônia colocou.

Irineu de Lyon, por volta de 130 a 202, muitos o consideram o primeiro verdadeiro teólogo cristão, um pensador brilhante, envolvido em uma grande luta contra os gnósticos com algumas ideias realmente boas. Irineu nasceu na Ásia Menor, passou seu treinamento cristão como discípulo de Policarpo e foi então enviado como presbítero para a Gália, onde foi nomeado bispo de Lyon em 177. Provavelmente sua obra apologética mais conhecida é sua defesa do cristianismo contra o gnosticismo chamada *Against Heresies*.

É justamente famoso. Em sua resposta ao Gnosticismo, ele apresenta uma teologia inteiramente diferente da deles. Por exemplo, em contraste com o Gnosticismo, Irineu afirma que o único Deus que existe como Pai, Filho e Espírito Santo, que é o criador dos céus e da terra, ex nihilo, do nada por sua palavra e por seu espírito, tem duas mãos.

Ele é famoso por esta imagem das duas mãos de Deus. Qualquer imagem pode ser distorcida. As duas mãos de Deus, é claro, são o Filho e o Espírito.

É uma imagem da unidade e da complementaridade do trabalho das pessoas trinitárias juntas, sua harmonia. Essa é a palavra que eu queria. Para Irineu, Deus tem contato direto com sua criação, diferentemente do pensamento gnóstico, e ele não o fez passar por uma série de intermediários.

Alguns argumentam que a visão de duas mãos de Irineu trata o Filho e o Espírito como subordinados ao Pai, o que é possível, já que ele escreveu na era Antinocena. Não acho que isso esteja correto, mas direi isto. É injusto julgar os pais anteriores pela terminologia posterior.

É simplesmente injusto. Como no mundo Tertuliano deveria usar a linguagem de um concílio cem anos depois dele? Não é justo. Trabalhe com as ideias deles.

Além disso, a igreja refinou sua terminologia muitas vezes como ferro afiando ferro, especialmente entre o Oriente e o Ocidente. Eles falavam línguas diferentes, grego e latim, e a mesma palavra significava coisas diferentes para eles. E então o acordo era essencial, como veremos.

No entanto, Irineu claramente coloca essa subordinação dentro do ser de Deus e não trata o Filho e o Espírito como externos ao Pai, mas como um com ele. Para Irineu, o Filho e o Espírito são totalmente Deus, mas para ele, essa afirmação não diminui a unidade divina. O Pai, o Filho e o Espírito são vistos como trabalhando em união e harmonia, desculpe-me, na criação, providência e redenção, pois eles estão um no outro antes da criação.

É notável. Em termos de sua visão dos seres humanos e do plano de salvação de Deus, Irineu segue o enredo das escrituras, criação, queda e redenção e argumenta

que os humanos foram criados bons, mas que se tornaram corruptos por um ato voluntário da vontade ligada a Adão e uma queda histórica. Além disso, precisamente porque toda a raça está em Adão, todos os humanos entram na raça humana como caídos.

Nossa situação no final não é metafísica, almas espirituais presas em corpos físicos, mas moral. Nossa situação não é metafísica ou ontológica, mas moral, e assim, precisamos de Deus para trazer nossa salvação através de sua própria provisão de si mesmo. Em relação à Cristologia, Irineu foi o primeiro a formular o significado da pessoa e obra de Cristo de forma sistemática.

Ele fez isso seguindo a estrutura e o arcabouço das escrituras. Ele afirmou claramente que Jesus é totalmente homem e totalmente Deus. Ele não discutiu longamente as relações do Pai e do Filho com o Pai ou sua pré-existência.

No entanto, ele via ambos como divindades, e rejeitou o Logos como meramente uma emanção ou meramente um atributo ou expressão de Deus. Em vez disso, ele argumentou que o Logos sempre existiu como aquele que revela o Pai e, portanto, é pessoalmente distinto dele e não como um modo do Pai, o que ajuda a esclarecer alguns dos problemas que a Cristologia do Logos legou à igreja. Para Irineu, o Filho é Deus verdadeiro por natureza.

Além disso, Irineu enfatizou fortemente a unidade da pessoa de Cristo. Contra os gnósticos que distinguiram entre Cristo, o ser de origem celestial, e Jesus, o ser terrestre, Irineu declarou que Jesus Cristo é um e o mesmo, uma expressão posteriormente incorporada na definição calcedônica. É grego, *eis kai ho autos*, um e o mesmo.

É precisamente por causa de quem Jesus é que ele pode fazer o trabalho que as escrituras lhe atribuem. Ele está precisamente tocando na combinação bíblica, ligando a pessoa e a obra de Cristo. É lindo, muito bom.

Ao destrinchar a doutrina da salvação, Irineu rejeitou o dualismo espírito-carne do Gnosticismo e, em vez disso, falou de recapitulação no sentido de que a salvação é uma renovação e restauração da criação, não sua ab-rogação. Já que toda a humanidade está em Adão, Cristo deve recapitular Adão. E para fazer isso, Jesus deve ser totalmente Deus e totalmente homem.

Daí a razão para a encarnação. Além disso, Irineu reviveu cada estado da vida humana. Infelizmente, ele entendeu mal a declaração em João 8, onde os oponentes de Jesus dizem: você ainda não tem 50 anos e nunca viu Abraão vê-lo.

E Irineu disse, isso significa que Jesus devia ter perto dos 50. Então, em seu entendimento, Jesus santificou a infância por ser um garotinho, um bebê, e a

infância por ser uma criança. Não acho que ele distinguiu os anos da adolescência, mas se esse fosse o caso, e então a velhice, se preferir, por viver até perto dos 50.

Ele passou por tudo isso e, diferentemente de Adão, ele foi bem-sucedido. Entendeu? Então, ele resume a raça humana em si mesmo como representativa e recapitula cada estágio da vida humana com sucesso, já que Adão falhou. Ele certamente acreditava em uma, desculpem meu francês, visão arminiana da liberdade da vontade; no entanto, estou apenas sendo justo aqui.

Os calvinistas citam Agostinho, mas os pais anteriores não são muito agostinianos. Como posso dizer isso? Então é esse o caso. E o mesmo é verdade para a Igreja Oriental, antiga e moderna, na verdade. Além disso, Irineu nos deu duas frases cruciais: *Filius Dei*, *Filius Hominis* e *Factus*. O filho de Deus se tornou um filho do homem.

E *Iesus Christos, Homai, Homai Deus, Jesus Cristo*, verdadeiro homem e verdadeiro Deus. Para Irineu, a obra redentora de Cristo depende totalmente da identidade entre sua humanidade e nossa humanidade. Este é um ponto alto de clareza cristológica que será alcançado novamente, mas não superado, quase três séculos depois em Calcedônia.

Deus deu os dons, e Irineu tinha um barco cheio deles, um caminhão cheio deles. Ele os usou em esgrima, lutando contra o gnosticismo e dando uma visão positiva da pessoa e da obra de Cristo. Tertuliano, meu próprio mentor de doutorado, James Paine, da Drew University, era o favorito de Tertuliano.

Por volta de 160 a 230, Tertuliano nasceu e viveu em Cartago, Norte da África. Ele nasceu em uma família romana pagã e foi educado em retórica e direito. Em algum momento antes de 197, ele se tornou cristão.

Ele é o primeiro representante notável da igreja de língua latina. Antes, assim como Irineu, o pai falava grego, apelidado por muitos como o pai do latim ou da teologia ocidental. Ele também escreveu como um apologista contra Marcião, um famoso gnóstico, e outros grupos heréticos.

Por exemplo, ele escreveu uma receita para hereges. Ele escreveu contra Marcião e contra Praxeus, outro herege. Tertuliano, junto com Irineu, se opôs ao Gnosticismo usando muitos dos mesmos argumentos.

Tertuliano também escreveu contra o modalismo. Ao responder ao modalismo, Tertuliano antecipa as formulações posteriores de Nicéia e Calcedônia, como Jean Gallo observa, entre aspas, entre aspas, ele antecipou as respostas mais tarde fornecidas na igreja oriental para três grandes erros cristológicos, apolinarismo,

nestorianismo e monofisismo , entre aspas. Na verdade, ele cunha os próprios termos que serão usados nesses concílios posteriores.

Ele é o primeiro a usar a palavra trinitas , trindade, para se referir a Deus. E ele argumenta que Deus é uma substância, una substancia , em três pessoas, tres personae. Os nomes pai, filho e espírito não são modos, eles poderiam ser modos, mas não modos em um sentido modalista , mas representam distinções reais e eternas.

No entanto, essa liberdade não nega a unicidade de Deus. Tertuliano também é útil para explicar o que ele quer dizer com seus termos. Por substância, ele quer dizer aquele ser ontológico fundamental que faz algo ser o que é.

Enquanto pessoa, persona, refere-se à identidade de ação que fornece distinção. Além disso, como com outros neste período de tempo, há uma vertente subordinacionista no pensamento de Tertuliano. Ele argumenta por uma ordenação divina entre as pessoas.

O pai é maior que o filho, que é o segundo, enquanto o espírito é um terço do Pai e do Filho. Mas essa ordenação parece ser explicada em termos mais ontológicos do que funcionais, certo? Se fosse apenas funcional, tudo bem. Se tem a ver com ser, na ordem do ser, isso é problemático porque isso poderia sugerir ou implicar um subordinacionismo ontológico ou metafísico, o que significa que o espírito e o filho não são iguais ao pai.

Historicamente, é claro, levou a igreja a entender a divindade do filho para que a igreja confessasse a divindade do espírito. E isso, na verdade, veio naturalmente quando eles chegaram ao binitarianismo , se você preferir. O trinitarianismo não ficou muito atrás.

Por exemplo, como Robert Latham explica, Tertuliano sugere que antes de todas as coisas serem feitas, Deus estava sozinho, mas não sozinho, pois ele tinha consigo sua própria razão, ratio, que ele possuía em si mesmo, isto é, em seu próprio pensamento, que os gregos chamavam de logos, citação próxima. Tecnicamente, no entanto, Tertuliano argumenta, “Deus não tinha sua palavra, sermo , neste momento, apenas razão. Deus enviou sua palavra na criação,”

Mas isso significa que a palavra veio à existência somente na criação e não tinha preexistência? Tertuliano extingue entre a palavra iminente e a palavra emitida. A palavra sempre foi inerente à razão, e a razão estava dentro de Deus, mas é explicitamente uma pessoa somente a partir da criação. É difícil evitar a conclusão de que Tertuliano está defendendo uma subordinação ontológica.

No entanto, em outros lugares, ele insiste nas distinções pessoais reais de Pai, Filho e Espírito, e que todos eles compartilham plenamente do ser único de Deus. Essa tensão não está totalmente resolvida. Talvez seja pedir demais, já que mais reflexão precisa ocorrer.

Essa é uma conclusão caridosa, eu acho. Ao retornar à Cristologia, Tertuliano afirma que o sujeito da encarnação é o logos, que assumiu a carne. Ao pensar na relação entre a divindade e a humanidade de Cristo, Tertuliano não discute a questão em profundidade, mas usa os mesmos conceitos básicos de substância, natureza e pessoa.

Jesus Cristo era de substância divina e substância humana, mas apenas uma pessoa. Dessa forma, ele afirma duas naturezas em Cristo, mas unidas em um sujeito, que é o filho divino. Ele está antecipando Calcedônia.

Alguns desses primeiros pais são realmente talentosos e se aplicaram, meu Deus, contra o que mais tarde se tornaria o nestorianismo, Tertuliano argumenta claramente que a pessoa de Cristo não foi o resultado da conjunção de duas substâncias, formando assim uma pessoa composta, mas uma única pessoa divina que possuía um estado duplo ou uma substância dupla. Mas, como observado acima, Tertuliano não é claro em relação à questão subordinacionista, e ele parece sustentar que o filho é uma derivação da substância do pai, mas ele coloca essas relações dentro da Divindade e não quer implicar desigualdade de ser, mas uma explicação de relações e origem. A contribuição única de Tertuliano para a Cristologia é seu conceito de pessoa, que nos anos futuros é desenvolvido com mais sofisticação.

Tertuliano preserva claramente a unidade do filho na pessoa e a subsistência dessa pessoa em duas naturezas, de modo que Jesus é agora totalmente Deus e totalmente homem, mas ele nem sempre é cristalino sobre esses conceitos. Além disso, contra o gnosticismo e o docetismo, Tertuliano afirmou que Cristo tinha uma alma humana, uma verdade que Irineu não discutiu, mas que se tornou crucial na reflexão cristológica posterior. Para Tertuliano, a natureza humana era composta de um corpo e uma alma e, portanto, para Cristo, uma vez que ele era totalmente homem e para nos salvar, ele teve que assumir um composto corpo-alma.

Como Gallo observa, esse argumento soteriológico, citação, foi envolvido mais de um século depois contra o Apolinarismo, citação próxima, que negava a alma humana de Cristo, e também permitiu que Tertuliano explicasse as emoções e paixões de Cristo, que ele experimentou em sua alma humana. Além disso, a forte afirmação de Tertuliano das duas naturezas de Cristo, naturezas que mantinham suas próprias propriedades e não eram confundidas ou misturadas, também foi importante na posição da Igreja contra o Monofisismo, que defendia uma natureza mesclada como resultado da Encarnação. É hora de encerrar esta palestra, e direi apenas que nossa

próxima palestra abordará a Origem e o Concílio de Nicéia e o Arianismo, no qual a Igreja primitiva enfaticamente, definitivamente e de forma conciliar, como um concílio oficial, afirmou a divindade plena do Filho.

Este é o Dr. Robert Peterson em seu ensinamento sobre Cristologia. Esta é a sessão 2, Cristologia Patrística, Parte 1, Antes de Nicéia.